

# INDEXAÇÃO DE FOTOGRAFIAS: UMA ANÁLISE METODOLÓGICA

**Ilana Lopes Matias** (UNESP) - ilana.matias@outlook.com

**Ana Clara Gatto** (UNESP) - anac.gatto@gmail.com

## **Resumo:**

*A Ciência da Informação, enquanto campo de estudo e aplicação dos processos de organização e representação da informação, enfatiza os documentos textuais em detrimento dos documentos iconográficos. Compreende a fotografia como um documento capaz de registrar algo a fim de contribuir para a construção da história e, portanto, deve ser organizada e preservada para garantir sua permanência no tempo e no espaço. Objetiva analisar os métodos de indexação de fotografias e suas especificidades. O interesse pela fotografia sucede desta estar vinculada a vários suportes, podendo ser digital, negativo, impresso ou acompanhar um texto, como nas propagandas. Utiliza a pesquisa bibliográfica para investigar referenciais teóricos já publicados sobre o tema. Explicita contribuições de Bléry (1981), Layne (1994), Manini (2002), Robledano Arillo (2000), entre outros e exemplifica o processo de indexação de fotografia. Conclui que, assim como os documentos textuais que precisam ser analisados para serem recuperados, a fotografia ganha relevância, pois carrega informações imagéticas, entendidas por diferentes públicos e por ter informação, comunica um fato e se torna histórica.*

**Palavras-chave:** *Indexação de fotografias. Organização da informação. Representação.*

**Eixo temático:** *Eixo 8: Ciência da Informação*



# XXVIII Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação

Vitória, 01 a 04 de outubro de 2019.

## 1. Introdução

A Ciência da Informação, enquanto campo de estudo e aplicação dos processos de organização e representação da informação, enfatiza os documentos textuais. Segundo Smit (1987), o profissional da informação, habituado com documentos tradicionais, não está capacitado para lidar com documentos especiais como as fotografias, uma vez que está propenso a analisá-las sem a preocupação de caracterizar aspectos específicos deste material. Nesse sentido, é importante que os profissionais da informação conheçam atributos relevantes relacionados ao processamento de documentos iconográficos, para que possam lidar com este material no seu cotidiano. Sob este contexto, o trabalho intenta apresentar metodologias que forneçam embasamento teórico para capacitar os bibliotecários no que tange ao processamento desses documentos.

Compreendemos que a fotografia registra um instante ocorrido no tempo e no espaço. O registro tem o propósito de documentar esse “instante” para revivê-lo posteriormente. Boccato e Fujita (2006) afirmam que a origem da palavra significa “*escrever com a luz*”, portanto um documento capaz de registrar algo a fim de contribuir para a construção da história. Smit (2011, p. 267-268, grifo do autor) corrobora com Boccato e Fujita (2006) quando postula que “[...] uma fotografia é um documento que *retrata* algo, de determinada *maneira*”. Desse modo, consideramos a fotografia como documento, nesse sentido, passível de tratamento pelo campo da Ciência da Informação, pois a mesma constitui seu valor documental quando registra informações em um determinado suporte, com fins pessoais, artísticos ou comprobatórios.

Contudo, se a fotografia é um documento, conseqüentemente, ela deve ser organizada – de modo a garantir sua recuperação e acesso – e preservada, possibilitando sua permanência no tempo e no espaço. Logo, as diretrizes e procedimentos metodológicos necessários para a organização e tratamento da informação, principalmente no que tange às fotografias, deve ser objeto de interesse da área.

## 2. Materiais e Métodos

Para a recuperação e acesso de documentos, a Ciência da Informação tem a técnica de indexação, que segundo Chaumier (1988) é um processo no qual o tema é representado em conceitos. Este método se baseia, primeiramente, no conhecimento do conteúdo através de uma leitura profissional, trazendo maior atenção às partes importantes do documento – no caso das fotografias, os elementos que as representam, tratados abaixo – em seguida vem a escolha dos termos que ilustram o assunto principal. Estes conceitos são “traduzidos” para uma linguagem controlada, linguagem construída por especialistas que torna padrão a descrição, resultando na recuperação mais precisa.

Segundo Pato e Manini (2013), a indexação abrange várias fases do documento, desde sua coleta até a disseminação, passando por identificação, organização, armazenamento e recuperação, “no caso da fotografia, trata-se, pelo viés tradicional de descrever o que a imagem ‘mostra’ [...]” (PATO; MANINI, 2013, p. 4). A representação da fotografia em termos de indexação deve possibilitar que esta seja recuperada pelos seus elementos mais importantes, para isto tem-se sugestões de metodologias que abrangem, desde os elementos visíveis, até especificações técnicas, incluindo diversos usuários.

Consideramos a pesquisa bibliográfica para delinear o trabalho, pois este tipo de pesquisa é desenvolvido a partir do levantamento de referenciais teóricos já analisados e publicados em diversas fontes e materiais, obtendo um panorama dos estudos sobre o assunto.

## 3. Resultados e Discussão

Existem diversos autores que se dedicaram ao estudo do tratamento temático de fotografias, apresentando algumas possíveis soluções para o problema em questão. Temos como propósito desta seção, elucidar algumas metodologias relevantes para a indexação de fotografias.

Smit (2011) recorre às contribuições de Layne (1994) e Ginette Bléry (1981) para a indexação de fotografias. De acordo com Smit (2011), Bléry (1981) propôs uma leitura da imagem, retomando indagações clássicas da análise de documentos textuais: *quem?* (refere-se à descrição do objeto que está representado na imagem); *onde?* (identifica o local em que o objeto está inserido); *quando?* (localiza a imagem no tempo); *como/o quê?* (descreve ações ou detalhes relacionados ao objeto representado). Boccato e Fujita (2006) retomam os trabalhos de Layne (1986), que considera a imagem como *simultânea*, *específica* e *genérica*. Para a autora uma imagem pode representar algo específico e, simultaneamente, genérico. Como exemplo, temos o “museu” como categoria genérica de museus e a categoria específica “Museu Nacional”.

Layne (1994) parte dos estudos de Panofsky (1979) – estudos dos níveis pré-iconográficos, iconográfico e iconológico – para ponderar sobre as categorias *DE* (*Genérico e Específico*) e o *SOBRE*. Desse modo, considerando as categorias de Bléry (1981), ao indagar *quem, onde, quando, como/o quê*, a imagem seria analisada sob dois aspectos: ela é *DE* que, tanto genérica quanto específica, e ela é *SOBRE* o quê. O *DE* corresponde a todos os objetos visíveis, porquanto o *SOBRE* é a interpretação subjetiva e exige um conhecimento aprofundado para extrair conceitos intrínsecos da fotografia. Manini (2002, p. 74) complementa os estudos de Layne (1994) afirmando que “para responder *DE* que é uma imagem, utiliza-se o nome de pessoas, lugares objetos e ações; já para o *SOBRE*, as respostas são nomes que descrevem emoções e conceitos abstratos”. A partir do exposto, existe uma dificuldade em determinar *SOBRE* o que imagem trata, pois, o preenchimento dessa coluna implica a utilização de termos abstratos, sugeridos pelos profissionais da informação, fato que remete a uma interpretação da imagem e induz a subjetividade.

Importante salientar que as fotografias são indexadas para os usuários. Logo, é necessário tomar conhecimento das necessidades informacionais de tais usuários, para realizar o processo de indexação centrado nos mesmos. Partindo desse pressuposto, para um fotógrafo profissional, por exemplo, é fundamental saber sobre aspectos técnicos da fotografia. Para isto, Robledano Arillo (2000) propõe como fase da análise de conteúdo o nível morfológico, relacionando aspectos mais abrangentes de como as informações estão apresentadas, destacando se é dia/noite, interior/exterior, colorido/branco e preto, orientação – vertical/horizontal – e as escalas internas como especificações mais concisas e precisas chamado de códigos fotográficos, em que são analisados os planos – geral, americano, médio entre outros – relacionados à produção de significados (ALONSO ERAUSQUÍN apud MOREIRA GONZÁLEZ; ROBLEDANO ARILLO, 2003, p. 40). Para Rodrigues (2007) a análise e tematização da fotografia, o *SOBRE*, deve considerar suas descrições físicas como dimensões e autoria, composição e, no contexto arquivísticos, analisar a relação desde documento com outros presentes no acervo sugerindo seu tema através da proximidade.

Smit (2011, p. 273) define o termo expressão fotográfica para caracterizar o que “a imagem mostra [...] de determinada maneira”. A expressão fotográfica está relacionada à demonstração do significado da imagem através de características técnicas, como enquadramento, luz, ótica, entre outros. Manini (2002, p. 47), define expressão fotográfica como dimensão expressiva “a parte da imagem fotográfica dada pela técnica: é a ‘aparência física’ através da qual a fotografia expressa seu conteúdo informacional [...]”. Consideramos o termo dimensão expressiva de Manini (2002), uma vez que a autora propõe um quadro que abrange as categorias de Bléry (1981) e Layne (1994), definindo um roteiro para indexação de fotografias.

**Quadro 1** - Roteiro reestruturado para o tratamento temático de fotografias

CATEGORIA	CONTEÚDO INFORMACIONAL		SOBRE	DIMENSÃO EXPRESSIVA
	DE			
	GENÉRICO	ESPECÍFICO		
QUEM				
ONDE				
QUANDO				
COMO/O QUÊ				

Fonte: Manini (2002, p. 105)

De maneira prática a leitura da fotografia começa com a observação do que está sendo visto, no exemplo, de uma fotografia da Muralha da China, no conteúdo genérico as informações “quem”: muralha, “onde”: China, “quando”: data em que foi tirada, “como/o quê”: no caso, como não há pessoas, logo não há ação, podendo ser descrita somente de maneira específica como se a fotografia representa sua construção ou a deterioração causada pelo tempo. Neste exemplo, o DE “quem” e “onde” já especifica que se trata da Muralha da China. Inferir sobre o assunto da fotografia requer conhecimentos culturais e históricos, muitas vezes influenciado pela subjetividade de quem analisa. Esta pode ser sobre a defesa de um império, grandes construções, história oriental e controle de imigração, especificando de maneira mais abrangente e neutra. A dimensão expressiva descreve as técnicas, também requerendo um conhecimento teórico, mas podendo ser detalhada especificações visuais como a cor e ângulo da visão.

Vale ressaltar que as metodologias advêm da indexação de documentos textuais, por isso segue um roteiro em que primeiro são identificados os elementos de maior relevância, como as pessoas/objetos, para depois representar o assunto e, como análise final suas especificações.

#### **4. Considerações Finais**

O interesse pela fotografia sucede desta estar vinculada a vários suportes, podendo ser digital, impresso ou acompanhar um texto, como nas propagandas. Seus elementos emitem informações e estas podem ser analisadas e descritas. No caso, as metodologias de Layne e Manini foram escolhidas por incluir fatores relevantes para a descrição e tratá-los de forma geral e específico. Tendo em mente que o usuário pode ser diverso e buscar por informações de maneiras muito individuais, a divisão da descrição das informações auxilia na recuperação, pois inclui aquele que sabe exatamente o que procura e o que procura de maneira vaga e não precisa. As especificações técnicas incluem também outro tipo de usuário, o especialista. Dessa forma, assim como os documentos textuais que precisam ser analisados para serem recuperados, a fotografia ganha relevância.

Esta que carrega informações imagéticas, entendidas por diferentes públicos e por ter informação, comunica um fato e se torna histórica.

## 5. Referências

BOCCATO, V. R. C.; FUJITA, M. S. L. Discutindo a análise documental de fotografias: uma síntese bibliográfica. **Cadernos BAD 2**, Lisboa, v. 12, n. 2, p. 84-100, jul./dez. 2006. Disponível em: <https://www.bad.pt/publicacoes/index.php/cadernos/article/view/794>. Acesso em: 21 jan. 2019.

CHAUMIER, J. Indexação: conceito, etapas e instrumentos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 21, n. 1/2, p. 63-79, jan./jun. 1988. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000011407/52f4a71bc4d6625f791d3f19437f0af>. Acesso em: 06 mar. 2018.

MANINI, M. P. **Análise documentária de fotografias**: um referencial de leitura de imagens fotográficas para fins documentários. 2002. 226 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27143/tde-23032007-111516/pt-br.php>. Acesso em: 21 jan. 2019.

MOREIRA GONZÁLEZ, J. A. M.; ROBEDANO ARILLO, J. R. **O conteúdo da imagem**. Curitiba: UFPR, 2003.

PATO, P. R. G.; MANINI, M. P. Polissemia da imagem, indexação, e recuperação da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14, 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ENACIB, 2013. p. 1 - 20. Disponível em: <http://enancib.sites.ufsc.br/index.php/enancib2013/XIVenancib/paper/view/43>. Acesso em: 31 jan. 2018.

ROBEDANO ARRILO, J. Documentación fotográfica en medios de comunicación social. In: MOREIRO, J. A. (coord.) **Manual e documentación informativa**. Espanha: Catedra, 2000. Cap. 4, p. 183-290.

RODRIGUES, R. R. Análise e tematização da imagem fotográfica. **Ciência da Informação**, v. 36, n. 3, p. 67-76, set./dez. 2007.

SMIT, J. W. A análise da imagem: um primeiro plano. In: SMIT, J. W. (org.) **Análise documentária**: a análise da síntese. Brasília: IBICT, 1987, p. 101-113.

SMIT, J. W. Análise documentária de documentos fotográficos. In: SILVA, F. C. C.; SALES, R. (org.) **Cenários da organização do conhecimento**: linguagens documentárias em cena. Brasília: Thesaurus, 2011. p. 265-286.